



ID: 44555356

03-11-2012 | Atual

LIVROS

ONDJAKI

"PARA NÓS, É CLARO QUE AQUELA GUERRA NÃO ERA ÉTNICA, ERA POLÍTICA, TINHA INTERESSES MILITARES"

Tem em Luanda sua terra, musa e memória, inspiração. Angolano militante, publica agora "Os Transparentes", na Caminho, romance tenso, entre maravilhamento e crueza de olhar

Entrevista António Loja Neves || Fotografias Jordi Burch/Kameraphoto





Nasceu em Luanda, em 1977, o Ndalu de Almeida, Ondjaki para os leitores. Desassossegado? Por demais ativo: mexeu no teatro, na pintura, cursou Sociologia, viajou e fincou o esporão na literatura, já senhor de 17 títulos, entre poesia, conto, infanto-juvenil, teatro e romance. Desde 2000, é muita coisa. Acaba de publicar um romance espesso e cáustico, sempre com a carga poética que é peculiar ao seu modo de escrever: "Os Transparentes" mostra gentes de vida árdua, pobres, vivendo num dia a dia infernal, definindo no limite das forças, à mistura com o ferino olhar analítico sobre os atropelos e jogos de poder dos ricos governantes. Há três anos que Ondjaki vive no Rio de Janeiro, mas não se dá por carioca... "Como poderia? Sou e serei kaluanda, mais do que destino, uma condição."

Pouco tempo tive, mas consegui acabar o livro, até à última palavra das 423 páginas, até àquela apoteose final, trágica, mais parece uma Gomorra reinventada! É verdade, a coisa dramatizou-se... Lá chegaremos. Gosto muito do Cego, constantemente pedindo descrição das cores, para conferi-las na memória. As cores que retém, de quando via, são as da Luanda da bonomia, da vida levada na pacatez e na bastança? Procura pelas cores que não estão. O Cego começou por ser personagem metafísica, por isso entendo a pergunta, mas passei a dar-lhe uma interpretação mais humana, tal como a construí, do que política. Vai haver gente a ler o livro e a procurar coisas que não estão lá. **Não falava tanto da circunstância cruamente política, sim do referencial a outra vivência.** É verdade isso. O que é bonito é que eu não tinha pensado tão concretamente. O que colocas faz-me estar a imaginá-lo agora dessa forma. Engraçado. Mas acho que o que ele anda a procurar são as cores que vão estar, não as que já lá estiveram. Ele busca o futuro. **Porque a vida atual dos luandenses acinzentou...** Tem a simultânea promessa de graça e de bem-estar e um certo discurso social, que é até político, que ainda não sabemos medir bem. O cidadão angolano é a concentração curiosa de uma certa utopia feita realidade. O fim da guerra trouxe novas questões, da desigualdade social, da política e da corrupção, que estão bem presentes. Por tudo isso, não tenho a certeza de que o cidadão angolano já tenha sido capaz de ler o presente. Embora estejamos a vivê-lo intensamente.

Alguma coisa essencial terá mudado com o fim da guerra. Mas o que é que mudou da década de 80 para a atualidade? O fim da guerra é uma mudança brutal e concreta no quotidiano. Mas o fim da guerra para quem estava a vivê-la é uma coisa e é outra para quem estava em Luanda. De qualquer forma, visto como fenómeno nacional, é muito significativo. E veio solucionar uma série de coisas, como a reconstrução, que começou imediatamente após o conflito e é visível e concreta. O problema tradicional das reconstruções pós-guerra não é tanto o de Angola, que é um país rico, não é a questão física. Pontes, prédios, estradas, universidades não de ser feitos, estão a ser construídos. O

nosso problema é a reconstrução moral, recriar valores gerais, voltar a ter valores éticos e culturais nacionais. É natural que demore, mas toda a gente anseia que se resolva rapidamente. Em relação aos anos 80, tudo é diferente! Além dos aspetos materiais, há os da ordem dos valores. Por exemplo, as crianças tinham outra educação, e a relação entre mais velhos e novos era completamente diferente. Mas aqui é preciso dizer que Angola também sofre efeitos da globalização.

Haverá forças de bloqueio, interesses que impedirão esse desenvolvimento? Existirão fatores de bloqueio a nível local, na classe política, mas é justo lembrar que os países não fazem exatamente o que querem, fazem 'aquilo que querem' de acordo com uma movimentação global, com regras que seguem uma espécie de democracia, mas submetida a interesses internacionais.

As resistências exteriores são mais importantes? Uma coisa é que possa existir bloqueio, outra coisa é que tipo de desenvolvimento é que os angolanos desejam escolher para o país. O que eu desejaria é que a nossa democracia fosse edificada contemplando outros modelos de participação do cidadão. Uma democracia mais basista, que não se ficasse pela atitude do voto de quatro em quatro anos. Eu queria uma avaliação mais contínua, que pudesse rever ao correr das práticas.

Alguém dizia que Angola tem sido impedida pelo Ocidente de construir a sua própria democracia. Não concordo. Nos últimos dez anos, Angola tem gerido a sua casa. Ninguém o impediu. Se isso é condicionado por regras internacionais? Claro. Mas se é influenciado por forças externas, seja de que natureza forem, a primeira responsabilidade é nossa, não podemos culpar outros. O poder tem governado da maneira que prefere.

No livro refere-se o "socialismo esquemático".



Há de haver um momento em que cada angolano vai ter que decidir o que vai fazer da sua brandura, qual a sua capacidade de indignação

Era uma designação usada nos anos 80 e é também designação literária, aparece em vários livros de escritores angolanos. O socialismo não chega a uma região estabelecendo-se sem mais, é sua característica moldar-se às circunstâncias locais, e foi o que aconteceu em Angola.

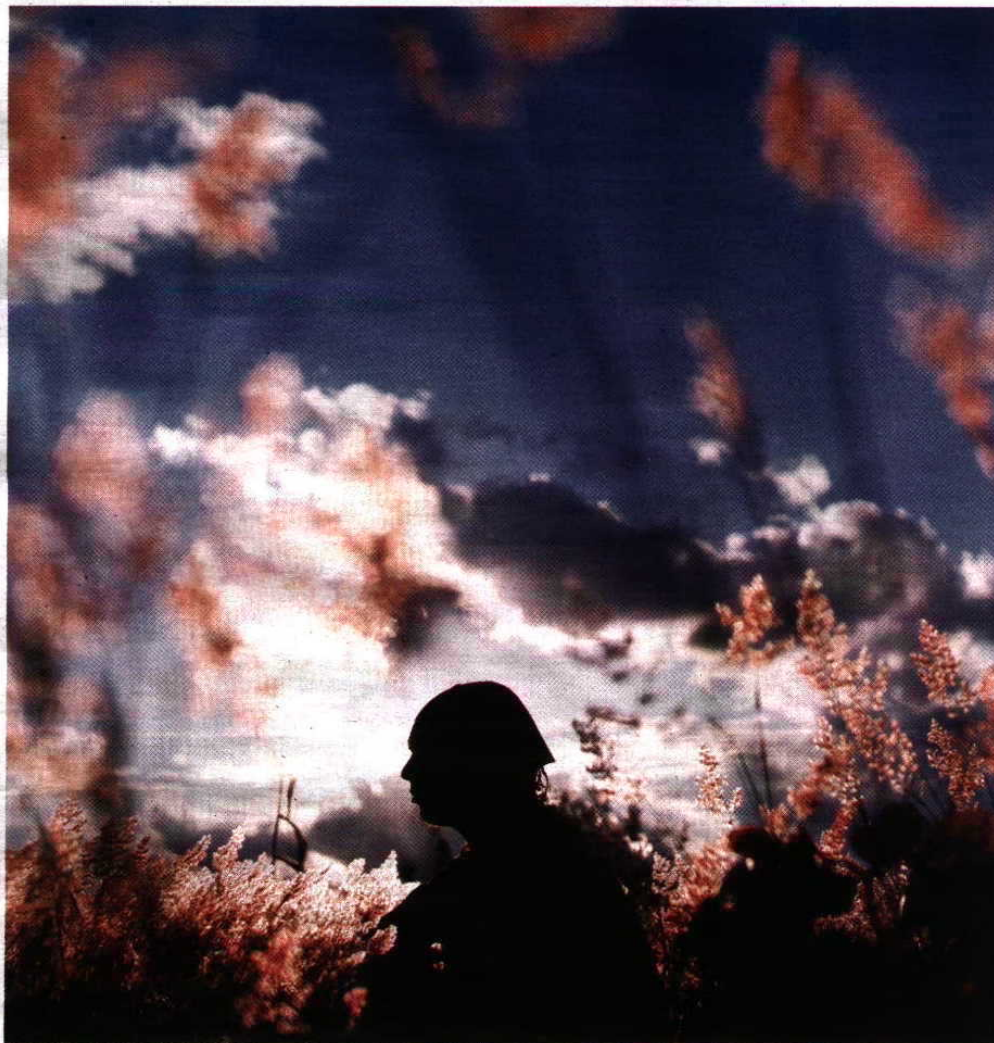
Como é que gente com influência na direção da sociedade de então reage hoje perante este capitalismo frenético? Não estou certo que estivessem absolutamente comprometidas com o projeto socialista nos anos 80. As pessoas — e os partidos — até podem mudar de ideias, é bom que assim seja, o que é estranho são as grandes guinadas, para pontos de vista tão opostos. Cidadão atento, não consigo dizer que tipo de ideologia é que rege hoje os partidos angolanos. Não só o MPLA. Realmente, estamos a viver um capitalismo desenfreado, só aparentemente controlado. Somos dirigidos por uma oligarquia político-financeira que se autossustenta e que é demagógica. Uma elite pode ser benéfica a um país, mas aqui prefere assumir um discurso de equilíbrios e de distribuição da riqueza, quando é mais que visível que há uma percentagem esmagadora da população que não acede aos mínimos de sobrevivência, de dignidade e de bem-estar. **Neste estado de coisas, as personagens do livro, sendo "Os Transparentes", afinal são muito substanciais, coloridas, moralmente sólidas...** São moralmente sólidas, muito capazes, ativas, criativas no seu dia a dia, sempre buscando alternativas. A grande questão que coloco, apesar da sua atividade e capacidades, é se continuam ou não 'transparentes'. Se desejam deixar de ser pessoas que não contam, a quem não deixam progredir, relegadas para a margem, ou se, pelo contrário, se impõem e são alguém com quem contar. Por mais que desejasse torná-las invisíveis, não consegui, porque na vida real elas não o são, elas existem. A maioria do povo é composta por essas pessoas.

E dão razão de ser a uma nação. Exato. Não 'existem' enquanto fatores da aventura, mas são necessárias para criar uma massa de apoio a quem realmente toma decisões. É uma triste tradição também da democracia, hoje em dia. Precisamos de quem nos eleja e, logo eleitos, esquecemo-nos delas. **"Luanda fervia com a sua gente, que vendia, que comprava para vender, que se vendia para vir depois comprar, e gente que se vendia sem voltar a conseguir comprar."** Afinal, toda esta gente faz parte dos 'transparentes'! São simultaneamente transparentes e não-transparentes. 'Transparentes' que todos os dias lutam para subir um degrau e deixarem de sê-lo. Infelizmente, muitas dessas pessoas, no momento em que deixam de sê-lo, esquecem o que foram e os que não saíram dessa condição.

Há uma personagem no livro, Odonato — transparente por excelência e por destino —, que já não sabe chorar. Os luandenses ainda sabem chorar verdadeiramente de quê? O angolano, o luandense, é uma pessoa muito festiva, tem por hábito sobrepôr a alegria a todas as dificuldades, o que permite a aceitação das piores agruras. Esta brandura nossa tanto poderá ser vista como um castigo ou como bênção... Não sei bem. Há de haver um momento



LIVROS



em que cada angolano vai ter que decidir o que vai fazer com a sua brandura, qual a sua capacidade de indignação. Porque não poderemos ser nem totalmente brandos nem absolutamente indignados, chegámos ao momento em que teremos que decidir.

Diz-se no livro: "O tempo passou e coisas ficaram perdidas: respeito, moral, os bons costumes." Ingredientes fulcrais para obter uma boa dinâmica para os momentos decisivos... Digo isso para desencadear um alerta, mesmo do ponto de vista da ficção. No mínimo, devemos refletir. E se não for possível recuperar esses princípios, se não for possível intencionalmente voltar a abordá-los — e nunca de uma maneira leviana —, perderemos desgraçadamente a tradição do respeito. Precisamos refletir sobre a nova democracia, mas também sobre coisas como a moral, a ecologia, o nosso futuro, e trazer à agenda angolana uma preocupação que deve ser mundial, mas que nos cabe também, que é a da desigualdade social. Toda a gente fala no cancro, na sida, na nutrição... Certo, mas a desigualdade social?! É uma das maiores chagas do século XXI.

O livro termina com Luanda em chamas, a explodir por causa da maca do petróleo, por causa da ganância, dos embustes vários. Espetáculo dan-tesco, uma Gomorra no século XXI... É uma pro-



Precisamos refletir sobre a nova democracia, mas também sobre coisas como a moral, a ecologia, o nosso futuro (...) e a desigualdade social

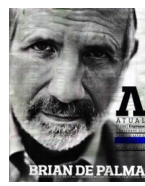
posta de leitura: e se não fosse o incêndio, o que aconteceria? É uma entidade quase purificadora. Está tudo tão desorganizado que só um dramalhão poderia ocorrer. Era questão de ser a natureza a resolver. Foi através do fogo, poderia ser um terremoto, um tsunami. Também quero lembrar que muitas vezes as catástrofes 'naturais' são culpa nossa, é isso que as personagens estão a dizer.

O quotidiano luandense parece ser caótico, mas desse caos emerge um surpreendente sentimento de fraternidade. Vê-se isso no dia a dia. Às vezes há também uma certa tolerância preguiçosa, demasiado adormecida. E é igualmente muito fácil, num país com apenas dez anos de 'não-guerra', à mínima discussão apelar-se ao fantasma da guerra. Basta aparecer uma voz crítica e alguém vem dizer: "Cuidado que ele é cisionista. Esteja calado, quieto, não arme confusão."

Basta que as coisas melhorem um pouco para as pessoas ficarem contentes? E festejarem de maneira eufórica. Sintoma de que, de facto, anseiam por progresso, estão dele necessitadas há muito. Apesar dos que não querem, cada vez as pessoas falam mais à vontade, cada vez há mais vozes críticas. Dizia-me um dia o escritor nigeriano Chinua Achebe: "Em África, o problema não está naquilo que dizemos e se podemos dizer. O problema é que, neste momento, ninguém escuta ninguém."

Há uma falta de ligação do poder à sociedade? A democracia não é só podermos falar, depende de as pessoas que estão no poder escutarem o que as outras estão a dizer. Este é o grande problema de Angola. Podemos falar, imprimir tudo nos jornais, mas que efeito é que isso tem? Quem ouve atentamente essas pessoas, as suas opiniões, os alertas? **Falava-se do impacto da guerra. Ela ainda é uma ferida nacional, ainda sangra?** É, porque ainda não temos a dimensão real do que aconteceu, ainda há coisas a processarem-se, e até há algumas que correram muito bem. Para nós, é claro que aquela guerra não era étnica, era política, tinha interesses militares. E ficam coisas não resolvidas que têm que ser faladas, analisadas. Vai acontecer, mais ou menos organizadamente, mas acabará por acontecer. A literatura é um dos campos que mais explora isso, os escritores têm sensibilidade para esses temas. E é certo que a história de Angola passa muito pela nossa literatura. Desde antes da independência.

Neste livro aparece mais vincado o tom fantástico. É uma forma preferencial de realçar o que já é verdadeiramente fantástico na realidade? Ou é o perfil da corrente do realismo mágico? É o meu universo interno. Tenho tendência para ler as coisas em termos mágicos, o aspeto surreal que acompanha a vida de Luanda todos os dias. E é verdade também que costumamos exagerar quando contamos coisas uns aos outros. E, quando se exagera, o interlocutor kaluanda sorri e não diz nada. Assumo. Eu tive de conter-me para não exagerar e ainda vão dizer que não precisava ter exagerado? Angola está muito à frente, na literatura, no que diz respeito ao fantástico. O que é surreal no livro nem são tanto 'os transparentes', é o ritmo. **▲**



ONDJAKI